

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Carlos Adeir da Silva Borges Junior

**“UMA BANDA, UM SOM”:
experiências dos sujeitos num projeto musical, no processo de formação
humana**

Porto Alegre
1. Semestre
2018

Carlos Adeir da Silva Borges Junior

**“UMA BANDA, UM SOM”:
experiências dos sujeitos num projeto musical, no processo de formação
humana**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Elly Herz Genro

Porto Alegre
1. Semestre
2018

Faça um pedido e o guarde no seu coração. Qualquer coisa que você quiser, tudo que você quiser. Você o fez? Ótimo. Agora acredite que ele vai se realizar. Você não sabe de onde vai surgir o próximo milagre, o próximo sorriso, o próximo desejo realizado, mas se você acreditar que está logo ali e, abrir a mente e o coração para a chance de acontecer... Para a certeza de acontecer... Você pode conseguir aquilo que pediu. O mundo está cheio de magia. Você só precisa acreditar nela. Então, faça o seu pedido. Você o fez? Ótimo. Agora acredite nele, com todo seu coração.

One Tree Hill

Dedico este trabalho a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais à pena...

... primeiramente a minha mãe, que mesmo depois de reprovar 4 vezes no vestibular nunca deixou que eu desistisse de alcançar meu sonho. Mãe, tu é a minha maior inspiração e tudo que eu faço é para poder tirar um sorriso de orgulho do seu rosto;

... toda minha família, tios, tias, primos e primas pelo incentivo e pelo apoio constantes;

... ao meu pai, pela paciência e dinheiro investido em mim durante todos esses anos no curso. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada;

... as minhas queridas colegas de graduação, em especial a Ana Paula, Evelyn Romero e Carine Farias, por toda a ajuda e suporte que me deram nos momentos mais difíceis do curso;

... aos meus professores da graduação por todo o suporte que me deram durante os semestres na faculdade, em especial a Dra. Denise Comerlato que foi de suma importância durante o estágio docente, se tornando mais do que uma professora ou colega, uma grande amiga;

... as minhas colegas da comissão de formatura Bianca e Bruna que me apoiaram e me acalmaram toda vez que eu me desesperava com o TCC;

... aos meus amigos Karen e Wesley, que tiveram paciência com as minhas reclamações, e sempre estiveram presente para uma palavra amiga;

... aos meus amigos de infância Matheus e Camila, a lembrança do carinho e da amizade que tive com vocês durante esses anos, me inspiraram e deram forças nos momentos mais difíceis;

... a comunidade escolar da EMEF Vereador Antônio Giudice, com quem tive o prazer de trabalhar durante o estágio docente obrigatório na modalidade EJA, em especial a professora Clóris e minha colega com quem tive a honra de fazer docência compartilhada, Carine Lemos;

... a comunidade escolar da EMEF Cônego Eugênio Mees, a quem dedico 13 anos da minha vida compartilhando momentos e vivências inesquecíveis que ajudaram na minha formação;

... principalmente a toda a coordenação, alunos e maestros da banda Cônego Eugênio Mees, que me inspiraram a fazer esse trabalho, e me inspiram a cada dia com suas lutas para manter o projeto de pé, mesmo sem o apoio efetivo da escola e dos órgãos públicos do município.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso, tem como finalidade analisar as experiências vividas por sujeitos na banda Cônego Eugênio Mees situada no município de Eldorado do Sul. Com isso, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo através de entrevistas, análises de documentos como atas, projetos e reportagens, com objetivo de evidenciar como essas experiências contribuem para a formação humana dos sujeitos que estão inseridos. Para tanto, é preciso entender a banda como um processo formativo ético, político e estético na perspectiva da educação não formal organizada entre os muros de uma escola tal, o contexto em que está inserida dentro do município e da escola e, com isso, analisar os olhares que os sujeitos entrevistados têm da banda através das suas memórias mais significativas dentro do projeto e suas perspectivas de contribuição da banda para a formação do sujeito e construção da cidadania. O trabalho, por fim, conclui a importância da banda no processo de formação humana dos sujeitos nela inseridos.

Palavras chaves: **Formação Humana. Projeto musical. Educação não formal. Banda.**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E FORMAÇÃO HUMANA	10
3. UMA CIDADE, UMA ESCOLA E UMA BANDA.....	16
4. AS EXPERIÊNCIAS DOS SUJEITOS NA BANDA.....	23
4.1. MEMÓRIA SIGNIFICATIVA	25
4.2. A EXPERIÊNCIA NA BANDA E A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS.....	28
4.3. OS OLHARES DO SUJEITO NA CONSTRUÇÃO DE CIDADANIA	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

Há treze anos, eu jamais pensei que estaria na UFRGS, e se me dissessem que cursaria Pedagogia, provavelmente eu daria boas risadas da cara da pessoa, porém posso dizer que tudo mudou na minha vida quando numa pequena escola da rede municipal de Eldorado do Sul, com pouco mais de 250 alunos, deu início a um projeto que levo comigo até os dias de hoje, e posso afirmar que esse projeto é o que me inspira dia após dia a seguir na área da educação.

A banda de percussão Cônego Eugênio Mees, é um projeto musical criado pelo círculo de pais e mestres da EMEF Cônego Eugênio Mees, no bairro Chácara de Eldorado do sul. De início, era pra ser apenas uma banda para se apresentar no desfile cívico da cidade, porém as proporções foram maiores, e hoje se tornou uma das maiores referências em bandas do estado, tendo alcançando, no último concurso de bandas e fanfarras, realizado pela Associação Gaúcha de Bandas, o total de 95,58% do total de bandas, sendo a terceira maior nota de todo o campeonato.

Para muitos, é só mais um projeto criado para ensinar as crianças a “batucar”. Para mim, estar na banda até o dia de hoje, é ter a chance de mostrar para as crianças e jovens que existem inúmeras possibilidades para eles, e que a banda pode ser para eles, o que foi para mim, um agente transformador. Eu comecei a participar da banda desde a sua fundação quando eu tinha apenas 13 anos, com o passar dos anos fui aprendendo e me aprofundando mais no mundo das bandas escolares. Já participei da banda como regente, como coordenador e hoje faço parte do corpo musical.

Durante seus anos em atividade, centenas de crianças e jovens já passaram pelo projeto da banda, que tem como principal finalidade, segundo seu projeto pedagógico, tirar os sujeitos da vulnerabilidade social, criar oportunidades para o desenvolvimento pessoal, valorização da identidade, cidadania e autoestima. Esses sujeitos nutriram diversas experiências, adquiridas na banda, que deixaram marcas que cada um leva consigo.

Com isso, este trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo, sobre como a experiência num projeto musical contribui para a formação humana dos sujeitos nele inseridos, onde todo material coletado para a sua construção se constituiu a partir de documentos da banda e da escola, livros, internet, artigos e entrevistas que se concentraram em sujeitos que, passaram pelo projeto da banda na escola Cônego Eugênio Mees ao longo dos seus treze anos de existência.

Essa pesquisa tem como finalidade, explicitar os olhares dos sujeitos sobre a experiência na banda e analisar como essa experiência contribui para a formação humana. Nesse sentido, é necessário compreender a banda como um processo formativo no contexto de educação não formal. Para isso, usarei como referencial teórico Maria da Glória Gohn (2009, p.31), que define educação não formal como processos educacionais organizados fora da lógica do sistema regular de ensino, são propostas baseadas nas necessidades dos sujeitos envolvidos e seus gostos. Moacir Gadotti (2005) que, diz que os processos formativos não formais, não são definidos pelos espaços em que estão inseridos. Nessa perspectiva, a banda, mesmo ocupando um espaço tradicionalmente caracterizado por uma educação formal (escola), é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal.

O contexto em que o projeto está inserido é apresentado no terceiro capítulo. A cidade, o bairro, a escola e a história da banda são analisados através de documentos, atas, reportagens e o projeto “Essa banda é CEM”, criado pelos coordenadores da banda, que mostram a luta incansável da coordenação de pais para dar continuidade ao projeto. Este projeto tem como missão valorizar potencialidades individuais e coletivas das crianças, adolescentes, jovens e suas famílias, promovendo o desenvolvimento formativo, numa perspectiva cidadã através da música.

No quarto capítulo, os olhares dos sujeitos se voltam para as suas experiências na banda, e descrevem suas memórias mais significativas vivenciadas no projeto, as contribuições que a banda teve nas suas formações pessoais e suas perspectivas da contribuição da banda para o exercício da cidadania e formação

humana. Para isso, será usado como referencial teórico Larrosa (2002, p.20), que afirma que a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta; e Paulo Freire (1979) e Antônio Severino (2006) que vão afirmar que a educação não é apenas um processo institucional e instrucional, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal ou no âmbito da relação social coletiva.

2. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E FORMAÇÃO HUMANA

Para compreender melhor e podermos entender a banda como um processo educativo, que visa que os sujeitos sejam inseridos na sociedade através de um projeto que não trabalha somente à música, mas também a construção cidadã e a formação humana dos sujeitos, precisamos entendê-la como um processo educativo não formal.

Define-se educação não-formal como “toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população” (La Belle, 1982:2). Uma definição que mostra a ambiguidade dessa modalidade de educação, já que ela se define em oposição (negação) a um outro tipo de educação: a educação formal. Usualmente define-se a educação não-formal por uma ausência, em comparação com a escola, tomando a educação formal como único paradigma, como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, o “extra-escolar” (GADOTTI, 2005, p. 2)

Educação não formal são processos educacionais organizados fora da lógica do sistema regular de ensino, portanto, não segue um currículo pré-definido baseado nas normas e diretrizes do governo federal. Pelo contrário, o conteúdo abordado é construído a partir da vontade e das necessidades das pessoas que nela estão envolvidas. Para Maria Gohn (2009 p. 31), são processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, geracionais e de idade, etc.

A educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao redor; a educação

desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica. (Gohn, 2009)

As práticas de educação não formal, segundo Gohn (2003), se desenvolvem nas organizações sociais, movimentos, programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais e, estão no centro de atividades nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, educação e cultura. A música tem sido o grande espaço de desenvolvimento da educação não formal, por ter uma linguagem universal e atrair a atenção de todas as faixas etárias.

Para compreender melhor quando falamos sobre educação não formal, é preciso diferenciar da educação formal regular. Gadotti (2005 p.3) diz que a educação formal tem propósitos claros e específicos e é caracterizada especificamente pelas escolas e universidades. Segundo ele, “a educação formal depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional”. Já a educação não formal é “mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática”. Gadotti afirma que “os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de ‘progressão’”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.

Podemos caracterizar a banda como uma educação não formal, mesmo que esteja diretamente inserida em um espaço formal, pois a mesma é um projeto social que tem como foco principal a formação social e humana dos sujeitos através da música.

Entretanto, é importante frisar que toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. “O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade” (GADOTTI, 2005 p.3).

[...] a educação não formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. Daí também alguns a chamarem impropriamente de “educação informal”. São múltiplos os espaços da educação não formal. Além das próprias escolas

(onde pode ser oferecida educação não formal) temos as Organizações Não-Governamentais (também definidas em oposição ao governamental), as igrejas, os sindicatos, os partidos, a mídia, as associações de bairros, etc. (GADOTTI, 2005 p. 3)

Na banda, os alunos são incentivados a aprenderem um instrumento musical, e com o tempo a lerem músicas através das partituras, esse processo acontece gradativamente, visto que cada aluno tem seu tempo para aprender. Para Gadotti, o tempo é uma característica importante da educação não formal. O tempo da aprendizagem é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada sujeito. Uma das características da educação não formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços.

No artigo “A educação musical no projeto bandas e fanfarras de São José (SC): três estudos de caso”, Mario César Cislighi diz que as bandas de música encontram-se em diversos contextos e relacionadas às manifestações e eventos sociais populares de natureza diversas e que as mesmas estão bastantes presentes nas comunidades e influenciando a vida das pessoas. Além disso, ainda constituem um espaço importante de ensino e aprendizagem musical, envolvendo muitas perspectivas de ensino.

CISLAGHI (2011), ainda completa:

“Os alunos do projeto participam porque realmente gostam, e isso favorece o trabalho dos professores de ensinar música e de realizar uma possível transformação social. O fato de ser extracurricular também faz com que os professores não precisem avaliar os alunos através de provas ou exames, assim como dar notas a eles. Além disso, não há currículo a cumprir, embora os professores saibam as etapas a serem vencidas e transmitem os conteúdos em uma sequência predeterminada.” (CISLAGHI, 2011, p. 74)

PASSOS (2011 p. 4) diz que a participação facultativa dos sujeitos nas bandas escolares, demonstra um interesse explícito pela música e pelo ciclo de amizades que são desenvolvidos entre eles no decorrer dos ensaios. Ele ainda completa que esse fator é de suma importância no desenvolvimento de perspectivas de relacionamentos sociais na formação da individualidade e sociabilidade dos sujeitos.

Nesta perspectiva caracterizamos a banda como um espaço formativo. Para

Freire (1980, p.20), “a educação deve preparar, ao mesmo tempo, para o juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio caminho”.

No texto “A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação” de Antônio Severino, o autor diz que na cultura ocidental, a educação foi sempre vista como processo de formação humana.

[...] essa formação significa a “humanização” própria do homem, que sempre foi considerado como um sujeito que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo, idealizando um estágio maior de humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano. (SEVERINO, 2006 p.634)

Severino (2006, p. 634) define formação como um “processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural deve um ser cultural, uma pessoa”.

Em seu texto, Severino produz uma reflexão acerca de como a educação, como processo de formação humana, foi constituída ao longo da história, destacando a formação ética e a formação política. O autor inicia uma análise histórica pelos períodos da antiguidade medieval grega e latina, e constata que o ideal humano era o aprimoramento ético-pessoal e esta seria a finalidade essencial da educação.

Para TORRES e SILVA (2008, p. 1), “a formação humana está diretamente relacionada com a cultura e isso significa que o processo educativo é construído ao longo da vida social e não está apenas circunscrito ao espaço escolar”. Elas ainda completam que, nos tempos atuais, a educação vem sendo tratada como mercadoria com o sucateamento das escolas e universidades públicas. O Estado por sua vez, cada dia mais vai se eximindo de assumir a obrigação garantida pela constituição, e com isso, aqueles que são menos favorecidos acabam excluídos do ambiente escolar, por falta de recursos financeiros para custear os seus estudos. Para isso, a experiência de educação não formal ampara, de certa maneira, essa insuficiência intencional de formação e, a depender do movimento social onde está sendo proposta, tem um direcionamento cultural, político e ideológico específico.

Entender a banda como um processo formativo é compreender que os

sujeitos nela inseridos tornem-se autônomos, críticos e éticos. Para Freire, (1996, p. 16) “a necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética”. Ele ainda diz que decência e boniteza devem estar de mãos dadas e que a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza.

Para Hermann (2005, p.18) a construção de um projeto pedagógico, voltado para o desenvolvimento moral e conseqüente emancipação, expressa a influência e a expansão de uma ética de princípios universais para todos os seres humanos, considerados necessários para constituir uma sociedade que busca a igualdade de todos.

Além da formação ética e política, encontramos também a formação estética. A formação estética está diretamente ligada à formação pela arte e pela cultura. Para Hermann (2005, p.22) a estética luta contra um rígido racionalismo, sobretudo aquele que elimina as diferenças e tende à homogeneização.

Na compreensão da arte, faz-se a experiência das formas dignas e felizes da vida interna (orientada a si mesmo), bem como da vida externa (orientada nos objetos). As imagens de um mundo liberto não surgem no mundo dos meios, no reconhecimento (Verstand), que são sinônimos para o mundo do trabalho, que representam para Schiller e para Goethe somente a formação de capacidades particulares. Nesse mundo, não será possível a experiência da existência de um “ideal”, que somente aparece plenamente no mundo da cultura, na estética. No reconhecimento do processo criativo, da produção estética do artista, assimila-se a auto-reflexão diante de sua obra, o juízo para o autoconhecimento da natureza e do destino humano [...] as condições da produção do belo-ideal caracterizam um estado de liberdade, na qual trabalho e felicidade entram numa nova relação humana. (MARKERT, p.8)

Hermann (2005, p. 49) afirma que “a liberdade estética permite a passagem do estado passivo da sensibilidade para o ativo do pensamento e não é exatamente uma auto coerção”.

Na perspectiva de uma educação estética, Schiller retoma o conceito de beleza como aparência (*Schein*), pela qual nossa imagem de mundo não é dada, mas criada por nós, enquanto liberdade do espírito. A aparência não quer passar por realidade, tampouco é um simulacro, ela é obra de nosso jogo lúdico, da atividade livre e criadora. A aparência estética é sincera e autônoma quando não pretende ser a própria realidade e tampouco nela

apoiar-se, e é falsa quando se torna instrumento de finalidades materiais. Segundo a interpretação de Henrich, para Schiller, —a beleza é liberdade na aparência. Enquanto no entendimento, o fundamento de nosso ser moral se revela através da reflexão, na forma bela e na obra de arte, ele nos confronta sob a forma da intuição. Liberdade aqui significa ser completamente autodeterminado, desenvolver-se de acordo com necessidades íntimas, independente de forças externas. Assim, o objeto estético jamais é um simulacro da realidade predeterminada, pois a beleza —é obra livre da contemplação e com ela penetramos o mundo das idéias” (HERMANN, 2005 p.49)

Nessa perspectiva, é importante enxergar a banda também como um processo formativo estético, pois a mesma faz com que os sujeitos inseridos trabalhem o pensamento sensitivo através da autorreflexão sobre a música como um agente que proporciona o bem-estar, tornando possível que os sujeitos encontrem o prazer em aprender diferentes instrumentos musicais e diferentes ritmos de músicas. A música tem a capacidade de afetar nossas emoções, intelecto e nosso psicológico. Dependendo da maneira em que a música é interpretada, ela pode aliviar nossa solidão ou estimular nossas paixões. Desse modo, a música é uma poderosa forma de arte cujo apelo estético está altamente relacionado com a cultura na qual é executada.

3. UMA CIDADE, UMA ESCOLA E UMA BANDA

Campos (2008, p. 106) adverte que para descrever e compreender uma banda musical “é preciso também mostrar qual o estilo de vida e de sociabilidade colocado em ação com a prática musical, indicar como cada associação situa-se em relação às outras e em relação à população”. Dessa forma, Campos (2008) completa que é importante considerar os motivos que levam os sujeitos inseridos em projetos musicais a se manterem envolvidos e “os mecanismos de incentivo e sustentação utilizados pelo poder local torna-se fundamental para a compreensão da dimensão pedagógica e social que estão presentes nas práticas desses grupos”.

A Banda Cônego Eugênio Mees tem como entidade mantenedora a Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Eugênio Mees, localizada no bairro chácara, no município de Eldorado do Sul, localizada na região metropolitana de Porto Alegre. A cidade tem 38.199 habitantes de acordo com a última pesquisa do IBGE.

O município de Eldorado do Sul nasceu na metade do século XVIII. O território onde está situado foi inicialmente ocupado por estancieiros açorianos pertencentes ao grupo pioneiro de Jerônimo de Ornellas. A partir de 1930, a região à margem direita do lago Guaíba passou a servir de balneário turístico à população de Porto Alegre e de porto para os barcos que vinham para a capital, como meio de transporte. Por volta de 1960, a área passou a ser habitada por colonizadores de origem alemã que deram à localidade o nome de *Balneário Sans Souci*.

A região era composta de propriedades particulares que se dedicavam integralmente à pecuária e à cultura do arroz até a década de 1960. Nesse período as áreas passaram a ser fracionadas em chácaras e lotes menores e vendidas para fins de moradia. Pela sua proximidade com a capital, 11 km, e devido ao seu fácil acesso através da BR-116, que há pouco tempo havia sido construída, houve um incremento na procura por terrenos nesta localidade, dando origem à “Vila Medianeira”.

O crescimento populacional nestas regiões foi intenso na década de 70 e início da década de 80. Após anos de reivindicações, em 1985 começaram os

trabalhos oficiais de emancipação da cidade, que buscavam a melhoria das condições e o desenvolvimento urbano para os bairros Medianeira, Itaí, Bom Retiro e Guaíba Country Club. Após anos de mobilização, o trabalho de conquista da emancipação foi recompensado com o desmembramento destas áreas do Município de Guaíba. Em 8 de junho de 1988 foi criado o Município de Eldorado do Sul.

O nome escolhido para a região emancipada, “Eldorado”, é de origem espanhola e significa “Terra do Ouro”, país imaginário que se dizia existir na América Meridional, lugar pródigo em delícias e riquezas.

Os dados e a história do município foram retirados da página oficial do município da internet e estão disponíveis no site da internet do município. <http://eldorado.rs.gov.br/pagina/78_Historia.html> Acesso em 17/05/2018.

Para descrever a história da escola e da banda, foram analisadas atas da escola do ano de 2006, o projeto “Essa Banda é CEM” que descreve a história da banda e da escola desde sua fundação até os presentes dias e algumas das minhas experiências vivenciadas nesses 13 anos junto à banda.

O bairro onde a escola fica localizada é considerado zona urbana. Visto o aumento da população no bairro, o então prefeito decidiu montar uma escola, que comportaria alunos da 1ª até a 4ª série, a escola no início era um anexo da maior escola da cidade, a EMEF David Riegel Neto, localizada no centro da cidade. A prefeitura comprou um terreno onde tinham pequenos apartamentos feitos para pessoas morarem e adaptou então para que fossem feitas salas de aula. Em 2002, a escola foi oficialmente reconhecida pelo MEC tornando-se a EMEF Cônego Eugênio Mees, recebendo o nome em homenagem ao querido padre da cidade. Nesse mesmo ano, foi construído um prédio com quatro salas de aula, e a escola passou a comportar alunos do jardim até a 6ª série.

De acordo com o projeto “Essa banda é CEM” (p.4) que conta um pouco da história da escola, mesmo com muitos avanços e o município se desenvolvendo cada vez mais, a escola continuava sendo uma parte excluída da cidade. Como a escola tinha um grande pátio que era muito pouco aproveitado, considerando o baixo número de alunos, a prefeitura usava o espaço restante como entulho de materiais que não eram usados pelas demais escolas, e até mesmo um depósito de caixões,

usados para famílias que não tinham condições de pagar por um funeral.

A escola começa a tomar um novo rumo a partir de 2005, com uma nova equipe diretiva assumindo, e montando um círculo de pais e mestres para ajudar na nova gestão da escola. Essa nova gestão ficou de 2005 até 2008 e fizeram grandes reformas na escola, assim trazendo muita visibilidade para a mesma e para o bairro.

Com muita luta, trouxeram para a escola a sétima e oitava séries. Lutaram por um refeitório digno para os alunos, construíram a primeira “pracinha” para os alunos da educação infantil, criaram diversos projetos educacionais como atletismo, coral, dança de rua, e a banda da escola.

De acordo com a ata número 09 do ano de 2006, foi aprovado o projeto para a construção de uma escola nova, com salas de aulas adequadas para comportar alunos, refeitório, sala de informática, biblioteca, laboratório de ciências, elevador para alunos com necessidades especiais e um ginásio poliesportivo para que os alunos pudessem ter aula de educação física. Em 2007 foi dado o início da construção da escola nova, e em 2009 foi entregue apenas uma parte da escola concluída. Segundo o prefeito, o município na época não tinha verba para continuar as obras e por isso decidiram entregar apenas a primeira parte, e que no ano seguinte terminariam a construção, porém nunca foi concluída.

Como dito anteriormente, o projeto “Essa banda é CEM” traz também a história da banda Cômego Eugênio Mees que foi fundada em 2005. Por ser uma tradição muito forte no município o desfile cívico, onde as escolas desfilam com suas bandas, era um desejo muito forte da então nova gestão da escola juntamente com o CPM da escola, montar uma banda para que a comunidade pudesse participar pela primeira vez. Com muita dedicação por parte da nova gestão e da comunidade escolar, a banda finalmente saiu do “sonho” e se tornou realidade, e em 7 de setembro de 2005, a banda fez sua primeira apresentação no desfile cívico da cidade.

A recepção da banda foi muito positiva. Usando uma farda defendendo as cores *azul royal* e *azul bebê*, a banda se tornou muito popular naquele desfile, sendo o destaque da cidade. Naquele mesmo ano foi convidada para participar do desfile cívico de outros bairros da cidade. A popularidade da banda cresceu tanto que, no

ano de 2006 o número de integrantes da banda praticamente dobrou. Visto o interesse de muitos alunos na música e em aprender mais sobre o mundo das bandas e fanfarras, a gestão resolveu ampliar a visibilidade da banda levando-a a participar de um concurso de bandas. Era a primeira vez que uma banda da cidade estava participando de um concurso e a expectativa era muito alta. A banda obteve a segunda colocação que foi muito festejada pelos alunos e serviu como uma grande experiência para se levar pra vida.

Com o passar dos anos a banda continuou crescendo, convidando os alunos da escola para participarem, o repertório da banda foi aumentando, entrando grandes clássicos da música brasileira. Foi então, em 2008 que a banda teve seu grande salto para a grandeza. Houve participação após isso em um concurso de bandas, dessa vez foi na cidade de Uruguaiana, onde pela primeira vez consagrou-se campeã estadual na categoria infantil (alunos até 14 anos). A felicidade então estava estampada no rosto de cada aluno e pais que acompanhavam a banda.

De acordo com o projeto “Essa Banda é CEM” (p. 9) as complicações começaram a aparecer em 2009, quando houve troca de direção na escola e a nova diretora decidiu que não queria mais apoiar a banda. Os pais dos alunos da banda decidiram então, criar uma comissão de pais que acompanharia a banda nas apresentações e se responsabilizar pelas despesas da banda. A partir daí, visto que a escola não iria mais contribuir financeiramente para a banda, a coordenação de pais decidiu que precisaria fazer eventos para poder dar continuidade na banda.

A coordenação dos pais começou a fazer jantares, festas juninas chás para as mães ou qualquer outra atividade que pudesse envolver a comunidade a abraçar a banda e o resultado foi muito positivo. A comunidade do bairro comparecia aos eventos, para ajudar a banda, e foi assim que pela primeira a vez, a banda confeccionou as primeiras fardas sem pedir dinheiro aos pais dos alunos ou depender da escola.

Com a vitória no campeonato estadual em 2008, a banda estava classificada para participar do campeonato nacional de 2009, na cidade de Sorocaba, estado de São Paulo. Com ajuda da prefeitura municipal e outras entidades que apoiam o projeto, a banda consegue o ônibus para a viagem. Com uma apresentação

fenomenal, tocando clássicos da música gaúcha e brasileira, tornou-se a primeira campeã nacional de bandas da cidade, com isso, começou a se tornar referência da cidade sendo convidada para fazer abertura da Semana Farroupilha da cidade e receber a chama crioula tocando o hino nacional e o hino Rio Grandense no ano de 2010.

Os anos seguintes foram muito importantes para a banda, participou de mais dois campeonatos nacionais em 2010 e 2011, nas cidades de Franca e Barra Mansa, respectivamente, conquistando mais um troféu de campeã e um de vice, além de mais quatro campeonatos estaduais e um sul brasileiro.

Com o passar dos anos, a coordenação começou a perceber que alguns alunos se destacavam mais e estavam sempre a procura de mais aperfeiçoamento, foi quando a coordenação decidiu ir atrás de um professor formado em música para que os alunos não aprendessem apenas a tocar o instrumento, mas sim toda a técnica musical que um instrumento pode proporcionar e a leitura de música. A partir daí, a banda deu início ao projeto “Essa banda é CEM”, que incentiva não apenas os alunos da escola, mas os alunos de toda a comunidade do bairro a participar de aulas para aprender técnicas musicais, O projeto foi um sucesso, trouxe muitos alunos que sempre quiseram participar da banda, mas não eram da escola a participar e ter início a uma educação musical. O projeto também, se tornou um meio para que a banda pudesse ir atrás de recursos financeiros para a manutenção, aquisição de instrumentos musicais para a banda e pagamento do maestro. Hoje, a banda conta com a presença de um renomado maestro a sua frente, contribuindo ainda mais para a evolução dos sujeitos.

As estratégias produzidas pelas bandas e fanfarras de escolas públicas são inúmeras: “Festa do Sorvete”, “Festa da Pamonha” e “Festa do ‘não sei o quê’ foram algumas “saídas” encontradas por um regente quando precisava realizar alguma aquisição, seja comprar instrumentos ou viabilizar alguma participação em concurso (CAMPOS, 2008 p. 106)

Para participar da banda, o aluno além de mostrar dedicação, foco e disciplina nos ensaios, também deve apresentar durante as aulas escolares. Como os alunos da banda são muito visados durante as aulas, eles devem ser referência de exemplo, não podem faltar a aula, e devem cumprir com suas obrigações escolares.

Participar de um grupo musical na escola pode, em determinado momento, provocar uma série de mudanças, como, por exemplo, uma melhora no comportamento do aluno em sala de aula e melhor desempenho nos estudos. A experiência dos alunos confirma esse fato, pois alguns começam a atentar para o comportamento e para a obtenção de melhores notas, a partir do momento em que entram para o grupo. (CAMPOS, 2009 p. 437)

Para CAMPOS (2009), é importante considerar a concepção de formação escolar apresentada por VINCENT, LAHIRE e THIN (1994), pois a disciplina valorizada pelas bandas escolares coexiste e contribui com a disciplina buscada por outras atividades da escola. Organização e regularidade do tempo são elementos de forma escolar que devem ser vistos não apenas como organizadores dos momentos de aprendizagem, mas como colaborador na construção da rotina escolar, interagindo com os rituais e com as apresentações públicas promovidas pela escola.

“As atividades organizadas, enquadradas pelos especialistas, regram e estruturam o tempo das crianças. Tendem a garantir sua ocupação incessante, ocupação cuja função é menos de enquadrar e de vigiar que de gerar as disposições da regularidade, com respeito ao “emprego do tempo” [...] Uma parte destas atividades restabelece a aprendizagem numa forma onde a repetição, o respeito às regras... são essenciais.” (CAMPOS 2009. p. 437-438)

Segundo Campos (2008, p. 107) o aprendizado musical proporcionado pela experiência na banda, torna-se apenas um dos aprendizados possíveis. Vínculos são formados a partir da relação que os participantes estabelecem uns com os outros e com a música, vínculos baseados na amizade, no reconhecimento, na disciplina e no prazer proporcionado pela prática musical.

Na perspectiva de Campos (2008, p 108) ao participar dos agrupamentos escolares, algumas necessidades individuais parecem ser supridas, como a de ser aceito e percebido pelos integrantes do grupo. Nessa “satisfação”, cria-se e reforça-se a própria identidade: “necessitamos ser vistos, observados, estar e sentir-nos presentes frente aos demais, ser reconhecidos em múltiplas maneiras e não ser indiferentes diante do olhar do outro” (Gimeno Sacristán, 2002, p. 118).

Atualmente, a banda continua realizando eventos para custear o seu maestro

e a manutenção de instrumentos.

A banda busca fundamentalmente tirar essas crianças da situação de risco social, criando oportunidades para o desenvolvimento pessoal, valorização da identidade, cidadania e autoestima, ajudando também na identificação de suas potencialidades. Pretende-se fazer um trabalho preventivo, e de compromisso com o fortalecimento dessas crianças, através de práticas artísticas culturais como a música e a dança e complementação da ação educativa.

4. AS EXPERIÊNCIAS DOS SUJEITOS NA BANDA

Neste capítulo, será apresentado as entrevistas realizadas com 5 sujeitos que participaram ou ainda participam do projeto da banda e relatam suas experiências através de três perguntas: **“Uma memória significativa da banda?”**; **“Como a experiência na banda, contribui para a formação do sujeito?”** e **“Como a experiência na banda, no seu olhar, contribui para o exercício da cidadania?”** As entrevistas foram realizadas em momentos separados, de acordo com a disponibilidade de cada sujeito, o sujeito “A”, “B” e “C” foram entrevistados durante o intervalo do ensaio da banda; os sujeitos D e E foram entrevistados em suas casas, respectivamente.

Os sujeitos foram escolhidos para que representassem momentos e visões diferentes da banda: Os sujeitos “A” (22 anos) e “C” (20 anos) caracterizam os alunos que participam da banda até os dias de hoje. O sujeito “D” (24 anos), representa um aluno que já participou da banda de 2005 a 2010. e os sujeitos “B” (43 anos) e “E” (52 anos) representam pais e coordenadores da banda, respectivamente, que participam ativamente para a continuidade do projeto.

Para falarmos de como a experiência na banda contribui para a formação humana do sujeito, precisamos primeiro, entender o que é experiência. A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. (LARROSA, 2002 p.20).

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos

sucedem”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (LARROSA, 2002, p 21)

Para LARROSA (2002), “o sujeito da experiência é um sujeito exposto”. Ele afirma que para se ter experiência o importante não é nem a posição (maneira de pormos), nem a “oposição” (maneira de opormos), nem a “imposição” (maneira de impormos), nem a “proposição” (maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “expormos”. Nessa perspectiva, Larrosa afirma que o sujeito que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se expõe é incapaz de experiência. O autor completa que “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”.

Experiência é conhecimento, ou aprendizado, obtido através da prática ou da vivência. Ela nos dá uma nova perspectiva daquilo que não havia sido vivenciado ou era de pouco conhecimento. Duas ou mais pessoas podem dividir o mesmo espaço, ter a mesma vivência, porém a experiência para cada um pode ser diferente.

[...] se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida[.] (LARROSA, p. 23)

Cada sujeito que já passou pela banda, guarda consigo uma experiência que para ele foi marcante. Nem sempre os sujeitos têm a mesma perspectiva da experiência, para uns podem ter sido mais significativa do que para outros. Para alguns, a experiência na banda deixou uma marca muito mais forte do que apenas um simples projeto de música, significou encontrar a si mesmo em um espaço compartilhado com outras pessoas; significou compartilhar de momentos bons e ruins ao lado de pessoas que, talvez não fossem tão próximas, mas naquele momento partilhavam da mesma alegria ou tristeza; para outros, a experiência na banda abriu portas para um futuro que até então era cheio de incertezas, mas que agora estava claro como água cristalina.

Não se pode dizer ao certo o que experiência na banda significou para cada

sujeito, afinal, centenas de crianças e jovens passaram pelo projeto, o que pode-se dizer ao certo, é que todos eles dividiram uma experiência de um projeto que visava acima de tudo, a afetividade, o respeito e a integração social.

4.1. Memória Significativa

Quando se faz parte de uma atividade, um grupo por muitos anos, o que mais temos são memórias que guardamos com carinho. Às vezes são um momento feliz, outras vezes momentos tristes. As memórias podem ser compartilhadas ou podem ser individuais. Todos temos uma memória significativa de algo que nos foi importante para guardar com carinho. Maurice Halbwachs, nos anos 20/30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992).

A memória significativa está diretamente ligada à memória episódica. Memória episódica é um sistema neurocognitivo que possibilita ao ser humano recordar fatos passados, podendo este, realizar uma “viagem no tempo”, lembrando episódios de sua vida até o presente instante. A memória episódica faz parte da chamada memória declarativa, ou seja, explícita e capaz de ser descrita verbalmente pelas pessoas.

CASTRO e GUDWIN (p.2) afirmam que ao se tratar de memória episódica, é importante ter em mente que esta compreende três grandes fases no seu processamento. A codificação, quando é registrado um episódio; o armazenamento, que é como esse episódio é armazenado e gerenciado, e a recuperação que dispara a procura por episódios e o que leva a um ou mais determinados episódios virem à tona.

Quando entrevistados, os sujeitos explicitaram momentos importantes que fizeram parte da sua experiência na banda, seus fragmentos de memória. O sujeito “A”, através da construção da sua fala, narra um momento significativo que tem da banda:

A - Eu tenho muitas memórias, mas a que me marcou mais foi do ano de 2008 em Uruguaiana, num concurso, onde depois de desfilar naquele sol de rachar...onde os sapatos queimavam os pés, a gente conseguiu ganhar tudo e voltar pra casa com muitos, muitos troféus e aquilo me marcou muito, aquela comemoração toda de todos os integrantes se abraçando e chorando na hora da divulgação do resultado.

O sujeito “D” relata a mesma memória da banda:

D - [...] uma memória boa que eu me lembro muito foi na apresentação de... Uruguaiana, se eu não me engano. Eu me lembro que foi uma das primeiras viagens longas que a gente fez e a expectativa tava bem grande, então eu me lembro bem. Lá a gente abriu o desfile se eu não me engano, uma das primeiras bandas eram duas da tarde, um calor infernal, a concentração foi bem difícil e depois no final da noite que a gente soube que conseguiu ganhar e a gente tava concorrendo com a banda da casa.

E completa com outra memória que pra ele, também foi marcante:

D - Também tem outra lembrança que eu nunca vou esquecer, lá em Rio Grande que... ou em Farroupilha, não me lembro bem... ou Rio Grande ou Farroupilha, que a gente estava em concentração, bem ruim e a gente perdeu, e tava um desespero e muito choro... eu não entendo muito bem porque aconteceu aquilo, não se abalou mas... tava todo mundo bem nervoso e acabou influenciando na apresentação, tanto que a gente perdeu. Essas são as duas que eu me lembro bastante.

Na descrição da sua memória significativa, o sujeito “B” confunde a cidade (usa a cidade Osasco do estado de São Paulo, quando na verdade é a cidade Sorocaba do mesmo estado):

B - Ai, a memória, assim, deixa eu ver... foi... em 2009 quando a gente tava chegando de Osasco, eu lembro que a gente entrou na avenida Nestor Jardim...e eu lembro que tava... era uma meia manhã assim e a gente viu muitas mães e muitos pais com bandeirinhas. É uma memória assim, que ficou.. tipo chegando os heróis.

A memória relatada pelo sujeito “B”, foi um dos momentos mais significativos da história da banda, pois foi quando se tornou a primeira banda da cidade a participar de um campeonato em outro estado e ainda voltar com o troféu de primeiro lugar. Foi tão especial, que a banda ganhou destaque em vários jornais da cidade e do estado, como o jornal Zero Hora e o Diário Gaúcho.

O sujeito “E” descreve uma memória que complementa a memória do sujeito “B”, pois relata os momentos que antecedem a viagem:

B - [...] pra mim, um momento que eu jamais vou esquecer, foi quando nós precisamos da assinatura de todos os pais para viajarmos para o campeonato nacional, em São Paulo... e precisávamos da assinatura dos dois responsáveis, e muitos dos alunos viviam apenas com a mãe ou não viam o pai há muitos anos... então houve uma grande mobilização por parte dos responsáveis e na manhã seguinte, foi muito emocionante de ver todos na frente do cartório, às 8h da manhã para fazer o registro da autorização em cartório... Foi naquele momento que eu pude ver, que a banda tinha uma grande influência positiva na vida dos alunos, pois os pais estavam todos ali para autorizar a gente levar seus filhos para outro estado... quer dizer... é muita confiança nosso nosso trabalho... e ter esse reconhecimento é gratificante demais. [...] e nós fomos... e nós vencemos, foi lindo [...]

Por fim, o sujeito “C” relata uma memória mais recente, que para o mesmo, foi muito significativa:

C - Nossa, são tantas (risos)... deixa eu pensar... (pausa)... ai meu deus do céu... Uma das coisas que eu lembro, é que, no ano passado no caso, isso é bem importante... porque... a gente tava praticamente sem nada e em dois meses a gente conseguiu montar todo um repertório pra ir pro campeonato, e chegando no campeonato a gente concorria contra seis bandas, coisa que nunca achei que a gente ia ganhar, e no fim chegamos lá, a gente tocou muito bem e ficamos em primeiro lugar, e achei que foi muito importante e fiquei muito feliz com isso, porque eu não esperava, eu achei que a gente... nós mesmos nos superamos, foi uma coisa que marcou.

Podemos notar que a banda deixou muitas memórias significativas para os sujeitos. O modo como cada sujeito descreve cada fragmento de história vivido no projeto, faz remeter a importância que essa experiência teve sobre esses sujeitos. É possível ainda afirmar que mesmo com o passar dos anos, a banda ainda deixa marcas em sujeitos que nelas participam, podendo assim dizer que a importância que o projeto tem sobre os sujeitos nele inseridos.

4.2. A Experiência na Banda e a Formação dos Sujeitos

Seguindo a entrevista, os sujeitos tiveram que descrever como a experiência na banda, contribui para a formação pessoal de cada um dos envolvidos no projeto. O sujeito “A” descreve como a experiência na banda como uma ajuda para ter disciplina e ser uma pessoa melhor:

A - Ah ajuda... me ajudou muito a ter disciplina, a ter um pouco de paciência que eu não tenho muito, e..me fez certamente a ser uma pessoa muito melhor do que eu já era, porque ...eu sou... de certa forma, eu sempre fui disciplinado mas, me ajudou a ter mais disciplina, e a conhecer pessoas novas, hã... a conhecer lugares novos e me ajudou muito na escola também.

O sujeito “D” descreve como formação de caráter:

D - Ah, eu acho que contribui muito pra formação de caráter em vários aspectos... aspectos de responsabilidade, em aspecto de comprometimento, dedicação, convívio social que é muito importante, uma criança conviver com outras crianças que não estejam com pensamentos ou caminhos errados né, então eu acho que ela influencia muito pro bem... pra criança tá envolvida em alguma coisa, alguma atividade né... pra formação de caráter, pelo menos comigo eu acho que ajudou muito esse quesito.

SEVERINO (2006) afirma:

O testemunho da história da filosofia autoriza a afirmar que a educação foi primeiramente pensada como formação ética. De fato, o discurso filosófico

da Antiguidade e da Medievalidade sempre concebeu a educação como proposta de transformação aprimoradora do sujeito humano. De imediato, essa proposta se radica na pressuposta universalidade da natureza humana e a educação é vista como formação ética. (SEVERINO, 2006, p. 631)

Ao analisar as falas dos sujeitos “A” e “D”, é possível afirmar que os sujeitos têm a banda como referência de um agente transformador e não apenas um espaço de aprendizagem musical. Para eles, a banda forma o sujeito para o convívio real em sociedade, reforçando valores éticos e morais como disciplina, responsabilidade e formação de caráter. FREIRE (1979), diz que a educação não é apenas o ato de transmissão de conhecimentos, como se o ensino-aprendizagem fosse uma via de mão única. O processo se fundamenta nos valores dos agentes educativos.

O Sujeito “B” afirma que a banda abre caminhos e tenta mostrar que existe um mundo melhor:

B - Ah, eu acho... eu acho que abre caminhos pra muitas pessoas que não conhecem, a gente tenta mostrar pra eles que tem um mundo melhor... tem um mundo melhor pra eles. ”

O sujeito “E” entende a banda como um espaço que possibilita a formação cidadã não apenas dos jovens inseridos no projeto, mas de todos os envolvidos ao redor do projeto:

E - Eu enxergo todo esse projeto, tudo o que ele envolve como uma parte da formação cidadã de cada pessoa que está diretamente envolvida... digo, nós adultos também aprendemos muito com os jovens... é uma grande troca de conhecimentos e aprendizagens, quero dizer, eles têm toda a modernidade do lado deles, mas nós temos a experiência que carregamos ao longo dos anos, e isso é muito legal, pois aqui, fazemos o possível para que eles criem responsabilidade, tenham comprometimento, disciplina e que isso não deve ser apenas só dentro da banda, mas na escola, em casa com os pais, avós tios e a gente espera com isso deixá-los preparados para a vida... para o mundo lá fora, que nós sabemos que não é nada fácil.”

Nessa perspectiva, os sujeitos enxergam a banda como um agente norteador,

mostrando as diversas possibilidades que a música tem a oferecer. Os sujeitos inseridos no projeto tendem a criarem novas vivências, conhecer novos lugares e assim criar um novo destino para seu futuro. Segundo Severino (2006), a banda não é apenas um processo institucional e instrucional, mas fundamentalmente um investimento formativo humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, ou no âmbito da relação social coletiva. Muitas vezes, os sujeitos da banda tem como referência os coordenadores responsáveis da banda e maestros, com quem acabam criando elos afetivos. Por isso, a interação com coordenadores responsáveis pelo projeto deve ser considerada uma mediação insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição da educabilidade dos sujeitos.

Para o sujeito “C”, a experiência na banda é uma forma de ajudar o próximo, se tornando gratificante:

C - Querendo ou não, é um projeto social né, onde tu trabalha muito nisso, é uma coisa que envolve muito trabalho e que na verdade a gente não tem custo nenhum né, é mais a gratificação mesmo e que eu acho [...], no momento que tu ajuda o próximo, querendo ou não a gente 'traz' as crianças aqui pra dentro, é uma forma de ajudar né, na educação deles... no momento que tu ajuda o próximo tu torna uma pessoa melhor.

É possível notar que em todas as falas, os sujeitos enxergam a banda como um espaço importante de formação, que contribui diretamente na construção cidadã de cada um. E essa é a mágica de um projeto social que ampara os sujeitos e torna a experiência que ali foi vivenciada, em uma experiência que eles levaram consigo para o resto da vida como aprendizado e formação.

4.3. Os Olhares dos Sujeitos na Construção da Cidadania

Neste item, visualizamos os olhares dos sujeitos sobre a construção do exercício da cidadania na perspectiva de inclusão dos jovens e sua experiência com a música e o comprometimento com a comunidade em que estão inseridos. Para isso, é preciso brevemente entender o conceito da educação para e pela cidadania.

Segundo Gadotti (2000, p.1) “devemos entender o conceito de cidadania a

partir de um contexto histórico”. No caso de uma educação para e pela cidadania isso se torna ainda mais essencial. Ele ainda completa dizendo que a educação para a cidadania deve ser compreendida, a partir de um movimento educacional concreto, auxiliado por uma corrente de pensamento pedagógico. Esse pensamento e essa prática, segundo Gadotti, “caracterizam-se pela democratização da educação em termos de acesso e permanência na escola, pela participação na gestão e escolha democrática dos dirigentes educacionais e pela democratização do próprio estado”. Gadotti completa:

Pode se dizer que cidadania é essencialmente consciência de direitos e deveres e exercício da democracia: direitos civis, como segurança e locomoção, etc. direitos políticos, como liberdade de expressão, de voto, de participação em partidos políticos e sindicatos e etc. direitos sociais, como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação, etc...(GADOTTI, 2000, p.1)

Para Gadotti, Paulo Freire foi o que melhor conseguiu definir o que é uma educação para e pela cidadania. Em uma entrevista à TV Educativa do Rio de Janeiro, em março de 1997, Freire falou da sua concepção de “Escola Cidadã”:

“A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã, então é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola em si para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade, é uma escola que vive a experiência tensa da democracia.” (GADOTTI, 2000 p. 2)

Fazendo uma aproximação do conceito da escola cidadã definido por Paulo Freire, para o contexto da educação não formal, mais diretamente para a banda, é possível fazer uma análise a partir das entrevistas dos sujeitos sobre como a experiência da banda, contribui, na sua visão, para a construção do exercício da cidadania. O sujeito “D” reafirma suas falas no item anterior, e acrescenta que a banda é um projeto que ajuda não apenas o sujeito, mas toda a comunidade.

D - Além do que eu já falei, de comprometimento, responsabilidade... pra comunidade em si, eu vejo como um meio de... como eu posso falar... como é que eu posso colocar em palavras... talvez como meio de desopilar as questões do dia a dia, a pessoa tá envolvida em algo que não seja um bem só pra ela, mas sim um bem pra comunidade, porque querendo ou não a banda não envolve só criança. A banda envolve pais, a banda envolve amigos, e... essa pergunta é bem difícil de responder... deixa eu ver... porque eu vejo os pais indo nos ensaios, tão sempre querendo... pelo que eu percebi, confirme cada um que passava, a busca pela inscrição de crianças foi aumentando cada vez mais né[...].

O sujeito ainda faz um fechamento, sobre a influência positiva que o projeto tem sobre os sujeitos inseridos e na comunidade:

D - [...]eu acho que ela é bem positiva, porque, hã... é uma coisa que atrai bons olhares, atrai boas coisas, até por ser uma atividade do bem... ela incentiva criança a querer buscar conhecimento, incentiva a criança a ter compromisso, ter responsabilidade... a formar o caráter né, a questão da formação de caráter e junto nisso os pais também, pros pais saberem que os filhos estão em um lugar bom.

Para o sujeito “C”, o projeto tem uma contribuição social muito forte, pois influencia a ser melhor, e ajuda a tirar crianças da rua:

C - É um projeto que ajuda todo um bairro, todo um grupo de pessoas que, querendo ou não a gente tira as crianças da rua né, pra ensinar música, e muitos poderiam não estar aqui dentro, poderiam estar se drogando, poderiam estar fazendo mil coisas e, aqui é um lugar onde se influenciam ser o melhor, a gente influencia a trabalhar, a estudar o tempo inteiro até porque música é estudo, se tu não estudar tu não consegue tocar a música de verdade, então é uma forma de educar também, ajuda acho que, todo mundo na evolução.”

Como diz Freire (1996, p. 38) “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de educar o mundo”. Ao comparar tal argumento com a fala acima, compreende-se que o sujeito entrevistado também enxerga a banda como um processo formativo. Este processo que ocorre ao tirar as crianças da rua e da vulnerabilidade social, é capaz de mostrar novos caminhos através da música,

influenciando assim, a serem cidadãos melhores, capazes de ler e compreender a sociedade em que estão inseridos. É possível reforçar assim, a visão de Paulo Freire sobre a educação de intervenção do mundo,

O sujeito “A” também reafirma suas colocações ao enfatizar a experiência positiva que a banda teve sobre si e conclui, na sua visão, que todas as escolas deveriam ter projetos extracurriculares:

A - O projeto da banda, ela ajuda muito na disciplina dos alunos, porquê, no início quando eu entrei eles cobravam muito o boletim, se tu ia bem fazia puxar, se não, ia pra salinha e já levava um puxãozinho de orelha. E eu acho que, todas as escolas deveriam ter um projeto desse tipo pra tirar as crianças da rua... algo dentro da escola que não seja só o estudo fundamental, vamos dizer assim, e é um projeto muito bom e eu me orgulho de participar durante esses treze anos, não me arrependo nenhum pouco.

Na sua fala, o sujeito entrevistado novamente descreve como a experiência na banda contribuiu para sua construção pessoal, não apenas na disciplina, mas no rendimento escolar. No final, ele enfatiza o orgulho de fazer parte do projeto desde seu início.

Para o sujeito “E”, ser cidadão é ser crítico e participar da sociedade em que se está inserido e é isso que o projeto da banda tem a contribuir para os sujeitos.

E - Nossa, contribui muito, sabe o que é ser um cidadão? Ser cidadão é participar ativamente da sociedade em que vive, então fazendo,... a maneira como a gente trata eles, a maneira que a gente exige... porque a sociedade aí fora exige... exige horário, exige pontualidade, exige disciplina, exige respeito... então eu acho que contribui muito pra eles como sociedade, fazer essa participação, como eu digo pra eles. Pai, mãe... a gente tem que participar da sociedade, da comunidade onde se vive... se tu não participa, tu não tem como exigir. Então eu acho que a banda contribui muito nesse sentido deles, eles são muito críticos porque a gente exige muito, então quanto tu exige tu faz um cidadão, um jovem crítico, um jovem exigente, e eles tem que exigir sempre o melhor e essa cobrança só têm que há participação, sem participação não há cobrança e aí o governo faz o que quer.

Nas palavras de Paulo Freire (1996, p. 51) “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História.” Participar da sociedade em que se vive é se abrir para o que está em sua volta, ter um olhar mais crítico, possibilita que o sujeito possa intervir no dia a dia. O modo como o sujeito entrevistado citou como a banda exige dos seus alunos, enquanto um meio de preparo para a sociedade, é uma das maneiras que podemos entender a banda como um processo vital de formação ética e política, onde os sujeitos inseridos, a partir das suas vivências, tornam-se cidadãos capazes de interagir na sociedade.

Por fim, o sujeito “B” encerra, citando novamente a banda como um agente transformador, na possibilidade de dar acesso à música e a cultura para os sujeitos e mostrar a eles, um “mundo melhor”.

B - Ah, ela ajuda, crianças que não tem acesso, a música, cultura, ela ajuda, ai... crianças que a gente sabe que nunca vai ter, tira crianças da rua, crianças carentes a gente ajuda, e ela mostra para as crianças que têm outro mundo além daquele mundo que eles... eles vivem, tem um outro mundo maior pra eles conhecerem.

Em todas as falas dos sujeitos entrevistados, nota-se que o projeto da banda, tem um carinho muito forte dentro deles. Todos falam de suas memórias e experiências com tamanha intensidade que é possível notar o quanto essa experiência foi ou ainda é marcante na vida de todos eles. Paulo Freire (1996, p. 52) diz que “ensinar exige querer o bem dos educandos”, e faço uso de sua frase, para complementar que ensinar com amor, paixão e anseio de ajudar o próximo, faz o bem, não apenas para os educandos, mas para todos os sujeitos envolvidos num projeto tão forte e bonito como esse, que incentiva a cultura e promove a cidadania.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha expectativa com essa pesquisa era poder analisar com um olhar mais crítico sobre as experiências vividas no projeto musical da Banda Cônego Eugênio Mees. A intenção era saber se a banda proporcionou a mesma experiência formativa e significativa em outros sujeitos, que acercou sobre mim durante todos estes anos em que estou envolvido. Por ser processo formativo não formal, o projeto da Banda acaba não tendo que seguir diretrizes preestabelecidas, o que facilita o envolvimento dos sujeitos, pois, a conteúdo abordado passa ser aquilo em que se gosta, transformando a experiência ainda mais significativa e prazerosa.

Através das entrevistas realizadas e os aportes de Severino e Freire, é possível concluir que as experiências dos sujeitos inseridos na Banda Cônego Eugênio Mees, contribuíram para formação cidadã e humana dos sujeitos. O projeto tem uma história muito forte de luta e superação por parte dos envolvidos, e isso acaba refletindo diretamente no aprendizado e formação cidadã dos sujeitos.

É uma honra poder participar ativamente de um projeto social que trabalha o melhor do ser humano, faço minhas as palavras do sujeito “A” que afirma que todas as escolas deveriam ter um projeto que auxilia, e tira crianças não diretamente da rua, mas das estatísticas que hoje assombram nosso país.

Afirmo que além das escolas apoiarem esses projetos sociais, é necessário que a municipalidade, através dos poderes legalmente instituídos, sendo mais específico ainda, digo isso me dirigindo diretamente para os executivos municipais, que assumam suas responsabilidades perante os movimentos sociais da sua cidade. Que se priorize e se destine dotação orçamentária como recursos de investimento para que mais projetos, como este da Banda Cônego Eugênio Mees possam ter vidas, florescer e assim ajudar ainda mais crianças e adolescentes a terem a chance de uma formação artística.

Apesar do sucesso, e dá grande importância que o projeto tem, não apenas sobre os sujeitos, mas em toda a sua comunidade, não posso deixar de pensar que o mesmo poderia ter ainda mais impacto se houvesse mais recurso financeiro. O grupo, lembrando, é composto principalmente por pais dos alunos da banda e ex-

alunos da escola, que fazem o impossível para que o projeto tenha continuidade, sem grandes imissões, e na maioria das vezes tendo que eles mesmos, acabam por apor recursos para não sofrerem com a descontinuidade do projeto.

É importante ressaltar que o projeto não tem fins lucrativos. A coordenação envolvida diretamente no projeto não é remunerada. Toda arrecadação oriunda de eventos é destinada inteiramente para a manutenção e aquisição de novos instrumentos bem como fardamento completo como roupa, sapato e quepe.

A gratificação do projeto está em saber que cada sujeito que passa pela Banda tem consigo a lembrança de um espaço que incentiva a formação crítica de cada um, um espaço em que eles serão sujeitos protagonistas e que possibilita que eles tenham a chance de conhecer outros lugares, outras cidades, através da música.

Além de toda formação ética e moral que o projeto possibilita, almeja desenvolver e proporcionar aos seus integrantes, a constituição de novas lideranças como sujeitos que são. A formação musical com professores renomados, àqueles que quiserem seguir o caminho da música, é o estímulo para que mais pra frente, possam quem sabe, cursar uma faculdade de música, ou algo mais.

Levarei sempre comigo, essa experiência que a Banda Cônego Eugênio Mees, me proporcionou, saber de que de alguma forma, mesmo que não “tradicionalmente” contribuo para a formação de cada sujeito que passa por lá passa.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência*** Universidade de Barcelona, Espanha Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. Jan/Fev/Mar/Abr Nº 19. 2002

CAMPOS, Nilceia da Silveira Protásio. **BANDAS E FANFARRAS ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DE TRÊS ESCOLAS EM CAMPO GRANDE/MS.** Caderno de história da educação - v. 8 n. 2 - jul/dez. 2009 p 431 - 441

CAMPOS, Nilceia Protásio. **O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados.** Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 19, 103-111, mar. 2008.

CISLAGHI, Mauro César. A educação musical no projeto bandas e fanfarras de são José (SC): três estudos de caso. **REVISTA DA ABEM | Londrina | v.19 | n. 25 | Jan/Jun 2011.** p. 63-75

CUSTÓDIO, Aline. Banda de escola de Eldorado do Sul conquista título nacional em São Paulo. **Diário Gaúcho**, 30 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/11/banda-de-escola-de-eldorado-do-sul-conquista-titulo-nacional-em-sao-paulo-2733607.html>> Acesso em: 12/06/2018

DE CASTRO, Elisa Calhau; GUDWIN, Ricardo Ribeiro. **Memória Episódica em Sistemas Cognitivos.** p.1-4

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã educação pela cidadania.** 2000. disponível em <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1645/3/FPF_PTPF_13_009.pdf> Acesso em: 15/05/2018

GADOTTI, Moacir. **A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO FORMAL/NÃO-FORMAL.**

INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005

GIMENO SACRISTÁN, J. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida/ Nadja Hermann**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

LA BELLE, Thomas (1986). **Nonformal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution?** New York, Praeger.

MARKERT, Werner. **TEORIA CRÍTICA, FORMAÇÃO ESTÉTICA E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA, FORMAÇÃO ESTÉTICA E O CONCEITO DE PROFESSOR REFLEXIVO-TRANSFORMATIVO**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt17-2955-int.pdf>> Acesso em: 24/06/2018.

MEES, Banda Cônego Eugênio. **Essa Banda é CEM**. Projeto pedagógico Eldorado do Sul, 2016 p.1-27

MEES, Emef Cônego Eugênio. **Ata número 9**. Eldorado do Sul, 2006.

PASSOS, Ubaldo Nunes - **A CONTRIBUIÇÃO DAS BANDAS E FANFARRAS NA FORMAÇÃO DE ALUNOS EM ESCOLAS REGULARES DE PERNAMBUCO**. 2011

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro., vol. 5 n. 10, 1992, p. 200-212

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006.

TORRES, Cristine Lima; SILVA, Maria Cecília de Paula. **O PAPEL EDUCATIVO DO MST NO CONTEXTO DA LUTA PELA TERRA**. 2008 p. 1-11

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria escolar. In: VINCENT, Guy. **L'éducation prisinière de la forme scolaire? Scolarisation et socialization dans les sociétés industrielles.** Trad: **Vladeniza Maria da Barra, Vera Lucia Gaspar Silva e Diana Gonçalves Vidal.** Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1994 p.11-48

.